

## Resenha de/ review of Sofia, a menina que gosta de filosofar

### Alexandre José Hahn

Mestre pela Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.  
alexandrehahn@gmail.com

### Altair Alberto Fávero

Professor na Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.  
altairfaver@gmail.com  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9187-7283>

Recebido em 15 de novembro de 2017

Aprovado em 25 de novembro de 2017

Publicado em 17 de agosto de 2018

Desde os primórdios da humanidade, a capacidade de representação de uma história vem mediando a percepção intelectual e o amadurecimento da inteligência reflexiva. Seja no virar das páginas ou na exposição oral, a narrativa desenvolveu um papel crucial (principalmente) no aprendizado das crianças e dos jovens, porque através do encanto desperta para a curiosidade e a imaginação. Também, precisamente por isto, que a narrativa é defendida por vários intelectuais (Gadamer, Ricoeur, Lipman, Mathews, Kohan, etc) como um excelente e fecundo recurso para a sala de aula. Além disso, quando uma literatura é adaptada para crianças ou jovens a transição da imaginação à vontade consciente de suas intenções e implicações pode ser mais facilmente clarificada, o que a torna muito pujante para trabalhos educativos com questões éticas e políticas.

Para Lipman (2008, p. 312), a literatura faz mais que encantar, “ela nos sugere outros modos de vida e outras maneiras de pensar o mundo no qual vivemos - maneiras que podem estar em desacordo com o bom senso e os costumes vigentes”. Esta descrição cai como uma luva compreender as histórias de Sofia, a menina que gosta de filosofar, de autoria de André Wagner Rodrigues, lançado em 2017 pela editora Uirapuru, com ilustrações de Erine Rodrigues. André Wagner é historiador, mestre em educação, já lecionou em escolas públicas estaduais de São Paulo, trabalha com formação de professores e em 2014 recebeu o prêmio de Educação em Direitos Humanos com o projeto Relatos da Juventude.

No livro, a protagonista Sofia tem treze anos, estuda em uma escola privada e vive abespinhada com as coisas da vida, sempre quer saber mais sobre tudo, pois respostas breves e questionáveis nunca a satisfazem. Com muito diálogo e respeito, a menina busca dirimir suas dúvidas sobre os mais variados assuntos, e abordando todos que aparecem a sua frente, nunca se cansa de fazer mais e mais perguntas, e se lhe derem uma resposta barata já sabe que vai querer continuar investigando, seu caráter lembra um certo barbudo calvo que tagarelava pelas ruas da antiga Atenas.

A história de Sofia é para jovens, principalmente os curiosos. Ainda mais para aqueles que estão descobrindo a filosofia, e vivenciando a juventude em sua plenitude, talvez lutando contra sentimentos que não sabem como compreender e quem sabe anseiem um bom conselho sobre temas que perpassam o cotidiano da juventude como as primeiras paixões, a indecisão frente a escolha de uma profissão, a ideologia de gênero, a perda de um ente querido, o bullying e a identidade. A ideia geral é que no avançar das páginas o leitor perceba que o que mais dá sentido à vida é o aprendizado.

Em cada capítulo do livro, Sofia aprende um pouco as pessoas e como elas enfrentam a realidade, adotando algumas destas perspectivas para basear sua própria vida, isto sem nunca aceitar, de antemão, qualquer coisa que não passe por um crivo reflexivo. A excursão pelos capítulos nos leva a algumas questões mais importantes e complexas da vivência humana como o amor, a liberdade e a morte, tomadas sempre em consideração ao momento da juventude e o universo escolar. Também são trazidos à luz alguns temas pouco trabalhados no âmbito escolar como a cosmogonia e a epistemologia.

A primeira questão enfrentada é sobre a existência de Deus, no capítulo “No princípio era o verbo?” (p. 11), Sofia tem uma conversa respeitosa sobre a origem do mundo e das pessoas com sua vó Eliete. Após escutar atentamente a vó contar, com muita convicção, a partir das histórias bíblicas, como Deus criou o planeta, o céu, as montanhas, os animais e o homem, Sofia explica a versão científica que aprendeu nas aulas da escola, comentando sobre o Big Bang e a evolução das espécies. Entusiasmada, a menina filósofa, tentando fazer uma síntese da discussão, se “existe só uma explicação? Será que as duas não são verdadeiras?” (p. 11). Sempre buscando ir além do que foi debatido, após a conversa as investigações continuam na internet. Sofia faz da web um verdadeiro instrumento de conhecimento, verificando principalmente os assuntos mais espinhosos, procurando clarear os prós e contras da problemática em questão. Isto tudo não apenas para escolher um lado, mas para valorizar as diferentes possibilidades de interpretar a realidade.

No capítulo seguinte “Pensamento é o que faz sentido” (p. 15), Sofia busca, descobrir junto ao tio Marcelo, “como sabemos que estamos vivos? Como temos certeza de que não estamos sonhando o tempo inteiro?” (p. 16). Acaba descobrindo a figura do filósofo Descartes e sua famosa frase “penso, logo existo”, a conversa com o tio clareia um pouco, mas traz também novas dúvidas, a menina filósofa se os animais sabem que estão vivos, já que eles não pensam como a gente. Ainda neste diálogo, aprende a diferenciar o pensamento e a reflexão, tal como sintetizou: “pensar é uma atitude comum,

produzida por nosso cérebro a todo o tempo, enquanto reflexão é uma habilidade de nosso raciocínio, que busca chegar as raízes daquilo que estamos querendo saber” (p. 18).

Fazendo muitas conexões mentais e refletindo cada vez mais profundamente, Sophia, a cada bate-papo com os seus amigos e colegas, expande seu repertório de informações, apreciando cada nova descoberta e renovando suas relações sociais, por exemplo quando consegue que o pai ausente, por causa do trabalho, de mais importância ao convívio familiar (p. 20) ou quando motiva uma campanha na escola contra o bullying aproximando colegas que constantemente eram desrespeitosos (p. 62). Ou quando descobre que pode até amar um menino que é totalmente diferente dela (p. 50).

A história da menina sempre procura aprender algo, refletir sobre o mesmo e colocar seus princípios em prática – eis as ações que embalam o livro. Por exemplo, no capítulo 8 (p. 40), Sophia descobre, ao conversar com seu avô Tião, que as notícias dos telejornais são carregadas de intenções, e que quase tudo que é noticiado pode ter um interesse financeiro ou político, geralmente escondido nos pequenos detalhes. A menina reflete sobre os poderes os grandes grupos que detém os meios de comunicações podem influenciar, a seu favor, sobre ideias, valores e visões de mundo da maioria das pessoas, que nem sempre se perguntam sobre o que vêm na sua frente, seja na tevê ou na internet. Tomando então como partido de levar isto a ser debatido com os colegas.

O capítulo 4, “O que é melhor: uma cabeça bem cheia ou bem-feita?” (p. 24), revela o descontentamento que Sophia tem com a instituição escolar, um ambiente que ela define como “muito fechado, cinza e quadrado”, e que mais causa desprazer do que prazer, visto que os estudantes vão a aula por obrigação e não por vontade. Sophia conversa com uma professora de matemática, desabafando sobre o que sente e fazendo uma reflexão sobre o modelo de educação tradicional, explica que se os alunos confiassem mais que aquilo que aprendem é mesmo importante para sua vida aprenderiam mais, mas para isto é necessário que algumas coisas mudem. Assim sugere que a professora torne as aulas mais interessantes, fugindo das práticas decorativas, isto porque todo mundo está cansado de apenas memorizar.

Nas aulas de matemática, Sophia sugere a professora que os alunos sejam levados a investigar os motivos e a finalidade de alguém ter criado coisas como a tabuada e o teorema de Pitágoras. Ao final da aula, a professora acaba pensando em outras formas de ensinar, desta vez pretendendo estimular reflexões mais profundas, também levando em conta que estamos na era digital, e que a maioria das coisas na escola sejam maçantes (p. 27), talvez por se distanciar das novidades tecnológicas que poderiam facilitar o aprendizado.

O autor, André Wagner Rodrigues, historiador e professor universitário, narra com maestria e muita leveza, o cotidiano da jovem Sofia, fazendo da história uma excitante aventura, sempre tomada pela curiosidade. Ele mesmo relata no prefácio que se valeu das experiências em sala de aula com jovens estudantes, e da discussão com colegas professores. André tem mutuamente, como Walter Benjamin (1985) gostaria que fosse, “a alma, o olho e a mão [...] inscritos no mesmo campo” e através da interação deles define o que quer deixar em suas páginas: uma mensagem para o futuro. Para sua filha, Sofia... Que pode ser descrita em passagens como esta:

Saiba que a verdadeira finalidade do conhecimento é lapidar as asperezas do nosso eu interior. Imagine um escultor que retira da natureza uma pedra bruta, sem forma, e fica ali durante dias observando o que é possível criar com seus instrumentos de trabalho: régua, esquadro, maço (ferramenta em forma de paralelepípedo que possui um cabo e funciona como um martelo) e cinzel (ferramenta com extremidade cortante usada para esculpir). Quando planeja exatamente o que vai criar, já consegue ver a beleza que está no interior daquela pedra amorfa. Assim começa o seu trabalho, lento e contínuo, retirando os excessos, calculando a força de cada golpe de seu maço e o ângulo exato que deve posicionar o seu cinzel. O escultor ficará trabalhando durante meses e até anos, dependendo do tamanho e da qualidade da obra que quer produzir. O conhecimento também é produzido dessa forma. É necessário muita paciência e força de vontade para vencer obstáculos e atingir nossas metas. Reflita sobre estes instrumentos e perceba que são símbolos de todos que querem transformar o seu eu interior. Lembre-se, sempre, de que somos o construtor de nós mesmos... (p. 68)

Tal como um orientador que “sabe dar conselhos não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio”, André sabe bem “recorrer ao acervo de toda uma vida: uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia” (BENJAMIM, 1985, p. 200). Isto se mostra no respeito com as exposições e com a atenção que chama para dispositivos que podem ferir a democracia, se posicionando politicamente contra aqueles que querem tirar proveito de situações educacionais, como por exemplo, quando comenta sobre a Reforma do Ensino Médio efetivada recentemente, que oferece ao jovem estudante apenas uma formação técnica, voltada ao mercado de trabalho (p. 62).

Do ponto de vista formal, a obra segue critérios condizentes ao trato de um bom livro didático, possui uma história com elementos organizados de forma coerente; abrange uma ampla diversidade de opiniões e perspectivas teóricas; estimula ao questionamento; proporciona uma gama de temas com possibilidade de variadas problematizações; tem um tratamento de linguagem claro; e se situa num contexto extremamente atual. Porém, justamente por não ser voltado a escola e ser um livro de um pai para uma filha que o autor se posiciona e defende os princípios que considera como melhores para uma vida na sociedade atual, combatendo certas posturas e discursos da sociedade, como, por exemplo, o pensamento meritocrático-capitalista e a exaltação de torturadores em rede aberta.

Não que o livro tenha um caráter moralista, pelo contrário, tenta fugir disto, porém não contentará algumas pessoas por tocar em assuntos politicamente espinhentos. No mais, o seu posicionamento é tomado frente a bons argumentos. Somado a isto não traz atividades para serem feitas após cada capítulo e tem poucas gravuras. Além disto, o autor também garante uma grande variedade de elementos culturais, envolvendo Esopo, Lewis Carrol e mitologia ao longo das histórias.

Uma vez que não é tão comum encontrar materiais que tenham uma matéria interrogativa e atual pronta para introduzir o diálogo numa sala de aula, indicamos a obra como um possível recurso textual para o ensino de filosofia e sociologia (principalmente). Sofia,

uma menina que filosofava pode ser um grande recurso para novas empreitadas investigativas, precisamente por se pautar no início da adolescência, e facilitar a discussão de questões existenciais e sociais com os adolescentes, aproveitando uma grande agudeza emotiva. Quanto aos textos que podem trazer questões políticas atuais, vale ressaltar que não ditam o padrão da obra, e se escolhidos pelo professor é responsabilidade dele trazer os prós e contras do que for levantado em sala de aula. Ademais, que a aula não depende do material, mas principalmente da habilidade do professor em trabalhar com um tema.

Assim como Aristóteles escreveu para seu filho Nicômaco, querendo que ele viesse a se tornar uma pessoa prudente, *Sofia* também é um livro tomado pelo sentimento paterno que procura levar adiante bons princípios para uma boa vida. Valoriza as relações com as pessoas, o respeito, a dignidade e o valor do que os outros podem ensinar a partir de suas experiências. Demonstra que a escola não detém o conhecimento e que podemos descobrir muito sobre o universo, a vida e tudo mais se procurarmos aprender uns com os outros. Pessoalmente nos fez refletir o que deixaremos para nossos filhos, e conseqüentemente, que filhos deixaremos para o mundo. Agradecemos pela oportunidade da leitura.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas**. Trad. Sergio P. Rouanet. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Trad. Ann M. F. Perpétuo. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RODRIGUES, André Wagner. **Sofia, a menina que gosta de filosofar**. São Paulo. Uirapuru, 2017. ISBN: 978-85-60404-73-5.

## Anexo

### Sumário

Introdução – Quem sou eu? Estudo sobre a formação da identidade e personalidade.

1 – Cosmogonia: Origem do universo e da humanidade.

2 – Habilidades de pensamento: Formação de conceitos e inferências.

3 – Família: Estudo sobre subjetividade

4 – Críticas ao ensino tradicional e propostas para um ensino transformador

5 – Questão de gênero: Discutindo a igualdade entre meninos e meninas

6 – Ética: Uma reflexão sobre a origem de uma atitude corrupta e como corrigi-la

7 – Futuro pessoal e profissional: Como a família pode ajudar nessa decisão?

8 – Ideologia e alienação: Questionamentos sobre a atuação da mídia na produção de notícias

- 9 – Liberdade e seus limites: Reflexão sobre Indivíduo, sociedade e cultura
- 10 – Paixão na adolescência: Conscientização sobre o equilíbrio entre razão e emoção
- 11 – Como superar a morte? Entendimentos sobre partidas e legados
- 12 – As oportunidades são iguais? Análise sobre limites da meritocracia e compreensão de igualdade social
- 13 – Bullying e violência: Estudos sobre a origem dessa prática e como vencê-la na escola e fora dela
- 14 – Sobre a importância de aprender: Avaliação sobre o ato de conhecer



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)